

*Suesl Humway*

— O SOL TAMBÉM SE LEVANTA —



**B**

Do mesmo autor:

Adeus às armas

A quinta-coluna

As ilhas da corrente

Contos (Obra completa)

Contos – Vol. 1

Contos – Vol. 2

Contos – Vol. 3

Do outro lado do rio, entre as árvores

Ernest Hemingway, repórter: tempo de morrer

Ernest Hemingway, repórter: tempo de viver

Morte ao entardecer

O jardim do Éden

O velho e o mar

O verão perigoso

Paris é uma festa

Por quem os sinos dobram

Ter e não ter

Verdade ao amanhecer

*Sunset Highway*  
— O SOL TAMBÉM SE LEVANTA —

10ª edição

Tradução  
Berenice Xavier

**B**  
**BERTRAND BRASIL**

Rio de Janeiro | 2015

Copyright original © 1926 by Charles Scribner's Sons  
Copyright renovado © 1964 by Ernest Hemingway  
Copyright © 1999 by Hemingway Foreign Rights Trust

Título original: *The Sun Also Rises*

Capa: Angelo Allevato Bottino

Imagem de capa: Simon Roberts

Editoração eletrônica da versão impressa: Imagem Virtual Editoração Ltda.

Preparação de texto: Veio Libri

Texto segundo o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2015

Produzido no Brasil

Produced in Brazil

Cip-Brasil. Catalogação na fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ

H429s Hemingway, Ernest, 1899-1961

O sol também se levanta [recurso eletrônico] / Ernest Hemingway; tradução Berenice Xavier. -  
1. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.  
recurso digital

Tradução de: *The sun also rises*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

apresentação

ISBN 978-85-286-2005-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção norte-americana. 2. Livros eletrônicos. I. Xavier, Berenice. II. Título.

15-20107

CDD: 813

CDU: 820(73)-3

Todos os direitos reservados pela:  
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA .  
Rua Argentina, 171 — 2º andar — São Cristóvão  
20921-380 — Rio de Janeiro — RJ  
Tel.: (0xx21) 2585-2070 Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (0xx21) 2585-2002

Este livro é para Hadley  
e para John Hadley Nicanor

“Vocês todos são uma geração perdida.”

— GERTRUDE STEIN

“Geração vai, e geração vem; mas a terra permanece para sempre... Levanta-se o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar onde nasce de novo... O vento vai para o sul, e faz o seu giro para o norte; volve-se e revolve-se na sua carreira e retorna aos seus circuitos... Todos os rios correm para o mar, e o mar não se enche; ao lugar para onde correm os rios, para lá tornam eles a correr.”

— ECLESIASTES

## Apresentação



### Em Contraste com a Paixão

Hemingway tinha 27 anos quando lançou *O sol também se levanta*. O livro foi iniciado na Espanha, durante uma viagem que fez com a mulher, Hadley, e concluído meses depois, em Paris. A reação (até então, Hemingway publicara exclusivamente contos, e poucos deles nos EUA) foi a mais impressionante já alcançada por um autor norte-americano em sua primeira novela. Com o livro, Hemingway estabeleceu-se como romancista de primeira linha.

Por muitos, e sumariamente, *O sol também se levanta* é designado como um *roman à clef*, um *romance com uma chave*, um *mecanismo de abertura* ou de decifração, cujo modelo mais comum é uma história em que personagens reais aparecem com nomes fictícios. De fato, os leitores de *Paris é uma festa*, memórias de Hemingway sobre sua estada em Paris entre 1921-1926, ou aqueles que conhecem, mesmo por alto, a biografia do ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1954 irão se perguntar se aquela novela biográfica — uma Paris subjetiva, a *Paris de Hemingway* — seria algo como o *pano de fundo* de *O sol também se levanta*. No entanto, se há uma chave, aqui, ela é muito mais sutil e poderosa do que uma mutação de nomes.

No transcurso de *O sol...* em Paris, são reconhecíveis muitos cenários, modismos e tipos característicos do círculo em que transitava o autor, além de certo

espírito corrente na *geração perdida*. E a identificação mais evidente, como em muitos de seus romances e novelas, é a do personagem central com o próprio Hemingway.

Tendo se engajado na I Guerra como motorista de ambulância, Hemingway foi gravemente ferido. Hospitalizado em Milão, apaixonou-se pela enfermeira da Cruz Vermelha Agnes von Kurowsky, a quem pediu em casamento. Agnes recusou-o, e, segundo alguns biógrafos, esse foi um golpe que ele jamais superaria.

Jake, protagonista e narrador de *O sol...*, é jornalista, como o foi Hemingway, mora em Paris, lutou na guerra e foi seriamente ferido na Itália, onde ficou hospitalizado. A desilusão com a enfermeira Agnes não aparece em *O sol...*, mas a sequela emocional, sim; transformada em mutilação física, ela o impedirá de realizar-se no amor, para sempre.

Não espere, entretanto, o leitor um personagem consumido pela autopiedade e incapaz de gozar a vida. Uma tal construção, ainda mais num tom lamurioso, não estaria à altura de Hemingway. Aqui, temos, então, um personagem pleno de vigor másculo, mas privado de satisfazê-lo sexualmente. Um personagem que nem nos permite diminuí-lo moralmente, sentindo pena dele, nem rejeitá-lo, por nos entediar com seus recalques. A construção é mais refinada e, portanto, também, muito mais pungente.

Mestre da contenção, o sofrimento de seus personagens se torna um efeito de leitura. O que eles não dizem é uma tensão tácita que embebe cada conflito e mesmo diálogos aparentemente despidos de dramaticidade. O que o leitor sentirá é a dilaceração, ampliada pelo que está sufocado, pelo que os personagens não compartilham nem entre si nem com o leitor — já que, a não ser por pouquíssimos, pontuais e breves insights, mal se revelam mais explicitamente.

Não é apenas Jake quem carrega uma mutilação. Também a maioria dos personagens, em torno dele, tem seus padecimentos crônicos, caracterizando uma falência moral típica dos expatriados que acorriam a Paris, procurando, no glamour da cidade, resgatar o que a Guerra e a brusca mudança da mentalidade dos tempos os fizeram perder. Eleitos como modelos da época pelo autor, a busca, evidentemente, está condenada ao fracasso. E estes personagens sabem disso. O que perderam foi

algo extirpado de suas almas, um propósito de vida. Mais uma vez, eles não se disfarçam nem se iludem; pelo contrário, consomem-se, em cena.

E, então, chegamos à Espanha, onde o sol dos cenários é o primeiro e o mais óbvio dos contrastes com os ambientes noturnos, enfumaçados, decadentes de Paris. E, na Espanha, chega-se a Pamplona, no País Basco, capital da Província de Navarra, no Nordeste do país. E estamos às vésperas da Festa de San Fermin, o maior evento tauromáquico da Espanha. Um carnaval que se espalha pelas ruas, com direito a comer e beber vinho ininterruptamente e a touros ataçados sobre a multidão que, por alguma razão, se diverte ao tentar escapar (alguns não conseguem) da morte nas pontas afiadas dos chifres dos miúras e outras feras da mesma espécie, pesando todas cerca de meia tonelada.

Hoje, quem visitar Pamplona poderá percorrer uma de suas vias principais, a Avenida Hemingway, que passa pela Arena de Touros e termina na praça onde está o busto de bronze de Hemingway sobre uma base de granito. Justo tributo à profunda impressão que o país teve sobre o escritor e que o levou a apoiar ativamente a causa dos republicanos contra Franco na Guerra Civil dos anos 1930.

É na Espanha que o sol se levanta? Seria essa uma das possíveis leituras do título do livro? Talvez. Pelo menos é lá que o estilo *descritivo* de Hemingway faz saltar das páginas uma referência de vitalidade construída em minúcias que só poderiam ser observadas pela mais legítima paixão. É aqui que se descobre, sim, a fascinação de Hemingway pela generosidade, pelo apego à vida e ao despojamento daquele povo que os recebe e envolve, nos ônibus apinhados onde todos fazem circular seus odres de vinho, até mesmo pelos desconhecidos, e por esse lugar paradisíaco onde, ainda, alguém que nunca se viu antes faz questão de sentar à sua mesa, no bar, pagar a conta e ainda cuidar de você se acontecer de você cair de bêbado. Bebe-se, come-se, dança-se, ama-se, tudo apaixonadamente, e as touradas, este espetáculo de extremos, retratado nos seus detalhes mais impactantes neste livro, é apenas, para quem puder entendê-las assim, a expressão máxima desta mesma bem-aventurança.

A Espanha, os bascos, as touradas são a genuína vitalidade e tudo aquilo que a geração perdida é incapaz de reconquistar, porque lhe falta a pureza. Porque são acolhidos ali, hospitaleiramente, e usufruem da terra e dos seus frutos, mas

carecem, como diz um personagem, de *afición*, algo difícil de traduzir, a não ser como uma forma epidérmica e inerente de paixão, da qual não se pode privar os que a possuem, enquanto dom.

Não é o caso dos personagens em torno de Jake. Eles estão contaminados pela ironia e por uma *despassionalização* diante da vida. Por uma incapacitação ou por uma dependência à insatisfação, que já é para eles um padrão familiar de subsistência.

Após a leitura, em alguns leitores *O sol também se levanta* vai permanecer como um vago incômodo, talvez indistinto. Aos poucos, entretanto, ou à medida que nos tornamos capazes de digerir essa perturbação, vamos sendo tomados pela agonia que reside no mais íntimo desses personagens, quanto mais quando são contrastados, quase cruelmente, com a exuberância vital do ambiente espanhol. É então que a dor deles, que entrou dentro de nós conduzida por esse texto *desadjetivado*, deste enredo sem *clímax*, destes personagens que às vezes desfilam diante de nós como se assistíssemos a um documentário sobre a história em curso, e mesmo essa Espanha idealizada por recursos ficcionais aparentemente tão imunes à idealização... é então que estes elementos começam a se potencializar e a se expandir dentro de nós, a um ponto que lembra o insuportável. Poucos, sim, suportariam a dor embutida nesses personagens, sem arroubos, sem buscar confidentes nem solidariedade. Mas os personagens desta novela *sabem*, de alguma maneira, que não podem viver essa dor de outro modo. Enfim, a novela tem aqui a sua *chave*, se quisermos chamá-la assim, definitiva: ao se exporem, as paixões latentes em *O sol também se levanta* revelam-se como disfarces esgarçados e penosos da solidão.

Luiz Antonio Aguiar

LIVRO UM



# 1



Robert Cohn fora campeão de boxe na categoria dos pesos-médios em Princeton. Não pensem que esse título me impressione. Mas significava muito para Cohn. Ele não dava importância ao boxe. De fato, sequer o apreciava. Mas esforçara-se bastante para aprender a lutar, e apenas para compensar o complexo de inferioridade e a timidez que sentira, porque o tratavam como judeu, em Princeton. Era uma certa satisfação íntima saber que poderia derrubar a quem quer que o provocasse. Mas, sendo muito tímido e ótimo rapaz, nunca travava luta fora do ginásio. Robert era um astro, entre os discípulos de Spider Kelly, que ensinava seus jovens alunos a lutarem como pesos-leves, quer pesassem 48 ou 93 quilos. No caso de Robert Cohn, o sistema pareceu dar resultado. O rapaz era realmente ligeiro e tão bom, que Spider não tardou a fazê-lo medir-se com lutadores mais fortes. Seu nariz ficou irremediavelmente achatado, o que contribuiu para a aversão de Cohn pelo boxe, mas produziu-lhe uma satisfação estranha, e isso, sem dúvida, melhorou seu nariz. Durante o seu último ano em Princeton, Robert lera demais e passou a usar óculos. Nunca encontrei um só de seus colegas que se lembrasse dele ou de que tivesse sido campeão de boxe.

Desconfio de todas as pessoas francas e simples, principalmente quando suas histórias são coerentes, e sempre alimentei a suspeita de que Robert Cohn nunca fora campeão. Talvez um cavalo lhe tivesse dado um coice no rosto, ou sua mãe

houvesse levado um susto, enxergando uma coisa qualquer, ou ainda, podia ser que ele tivesse caído e se machucado, quando criança. Afinal, encarreguei alguém de tirar a limpo o caso com Spider Kelly. O treinador não somente se lembrava de Cohn, como também se punha a imaginar, vez por outra, o que teria sido feito de seu antigo discípulo.

Robert Cohn era, pelo lado paterno, membro de uma das mais ricas famílias de Nova York e descendia de uma das mais antigas famílias da região, pelo lado materno. Na Escola Militar, onde fizera os preparativos para Princeton e tivera boa atuação na equipe de futebol, ninguém lhe despertara a consciência da raça. Não o fizeram sentir que era judeu e, portanto, diferente dos outros, até que ingressou em Princeton. Bom rapaz, cordial e muito tímido, desrecalcou-se no boxe. E saiu da Universidade com uma sensibilidade doentia e o nariz achatado. Foi agarrado pela primeira pequena que o agradou e casou-se com ela. Esteve casado cinco anos, e vieram três filhos. Perdeu a maior parte dos cinquenta mil dólares que herdara do pai e, como o resto da herança coubera à mãe, a infelicidade doméstica, com uma esposa rica, tornou-o intratável. Passou meses pensando em deixar a mulher, mas julgara que seria crueldade privá-la de sua companhia. Finalmente, quando já havia se decidido, foi ela quem o deixou, fugindo com um pintor miniaturista. A partida dela, assim, proporcionou-lhe um choque benéfico.

Obtido o divórcio, Robert Cohn foi para a Costa do Pacífico. Na Califórnia, caiu num meio de literatos e, como ainda possuía uns restos dos cinquenta mil dólares, logo se viu financiando uma revista de arte. A publicação foi iniciada em Carmel, na Califórnia, e acabou em Provincetown, Massachusetts. Nesse tempo, Cohn era considerado pura e simplesmente como um mecenas e seu nome aparecia na página editorial apenas como membro da direção. Mas depois se tornou o único editor. Gostava disso e o dinheiro era seu. Ficou triste, quando a revista começou a dar prejuízo e ele teve de desistir.

Nesse momento, aliás, tinha outras coisas em que pensar. Estava dominado por uma senhora que esperava fazer carreira e progredir com a revista. Era muito voluntariosa e Cohn nunca encontrara uma oportunidade para se ver livre dela. Também estava convencido de que a amava. Compreendendo que a revista não ia

muito bem, ela se aborreceu com Robert e decidiu aproveitar o mais que pudesse, enquanto havia o que tirar. Insistiu para que fossem à Europa, onde Cohn poderia dedicar-se a escrever. Vieram, então, para a Europa, onde ela se educara, e aqui permaneceram três anos, o primeiro gasto em viagens e os dois últimos em Paris. Robert teve ali dois amigos, Braddocks e eu. Braddocks era o amigo literário, e eu, o amigo no tênis.

A mulher que o dominava chamava-se Frances. Verificou, no fim de dois anos, que seus encantos começavam a murchar e sua atitude para com Robert mudou, de posse indiferente e exploração, para a decisão inabalável de se casar com ele. Nesse ínterim, a mãe de Cohn designara para o filho uma mensalidade de trezentos dólares. Durante dois anos e meio, acredito que Robert nunca tivesse olhado para outra mulher. Era razoavelmente feliz. Apenas, como acontece a muitas pessoas que vivem na Europa, teria preferido viver na América. Descobriu também que dava para escrever, e de fato publicou um romance, não tão mau como os críticos disseram, mas ainda assim bastante fraco. Lia muito, jogava *bridge* e tênis e praticava boxe num ginásio local.

Certa noite em que jantávamos juntos, percebi pela primeira vez a atitude de Frances para com Robert. Tínhamos acabado de jantar no l'Avenue e fomos ao Café de Versailles. Tomamos café e, em seguida, várias *finés*. Eu disse que precisava ir andando. Cohn estivera falando sobre a possibilidade de passarmos um fim de semana em qualquer parte, pois queria sair da cidade e dar um bom passeio. Sugeri que fôssemos a Estrasburgo. Dali faríamos uma caminhada a Sainte Odille ou a algum outro ponto da Alsácia.

— Eu conheço uma moça em Estrasburgo que pode nos mostrar a cidade.

Senti que me pisavam o pé sob a mesa. Pensei que fosse por acaso e prossegui:

— Mora lá há dois anos e conhece tudo o que vale a pena ser visto. É uma boa moça.

Nova pisadela, e somente então notei o ar de Frances, a amiga de Robert. Tinha o queixo erguido e a fisionomia dura.

— Diabo! — exclamei. — Mas, por que Estrasburgo? Poderíamos ir a Bruges ou às Ardenas.

Cohn acalmou-se e não pisou mais o meu pé. Eu dei boa-noite e ia sair, quando ele disse que precisava comprar um jornal e me acompanharia até a esquina.

— Meu Deus! Para que você foi falar nessa moça de Estrasburgo? — exclamou.  
— Não notou o jeito de Frances?

— Não. E se conheço uma moça americana que reside em Estrasburgo, que diabo tem Frances a ver com isso?

— Ora, não importa que moça é essa. Seja lá quem for, eu não poderia ir, compreende?

— Que bobagem!

— Você conhece Frances. Não viu como ela ficou?

— Está bem — respondi. — Vamos então a Senlis.

— Não fique magoado, Jake.

— Não estou magoado. Senlis é um lugar muito agradável. Podemos ir para o Grand Cerf, excursionar pelas matas e voltar para casa.

— Isso! Vai ser ótimo.

— Amanhã nos encontraremos no tênis.

— Boa-noite, Jake — disse, encaminhando-se para o Café.

— Você esqueceu o jornal!

— É verdade...

Ele acompanhou-me até a banca da esquina.

— Não está aborrecido, não é, Jake? — perguntou ainda, com o jornal na mão.

— Não, não há motivo.

— Então, amanhã, no tênis — concluiu.

Segui-o com os olhos, enquanto voltava ao Café, com o jornal na mão. Eu gostava bastante dele e era evidente que a mulher o fazia levar uma vida terrível.



Nesse inverno, Robert Cohn viajou para a América e levou o seu romance, que foi aceito por um bom editor. Sua ida causou grande sensação, segundo ouvi dizer, e creio que foi lá que Frances o perdeu. Várias mulheres o assediaram em Nova York e ele voltou inteiramente mudado. Seu entusiasmo pela América era cada vez maior. Robert já não era uma pessoa tão simples nem tão agradável. Os editores tinham dito maravilhas do seu livro e aquilo lhe subiu à cabeça. Depois, muitas mulheres começaram a interessar-se por ele e ampliaram-se os seus horizontes, que durante quatro anos haviam estado limitados por sua mulher. Em três anos, Robert não vira quase ninguém além de Frances. Eu estava até mesmo convencido de que nunca havia amado, na vida.

Casara-se por uma reação à vida desagradável que levara na Universidade, e Frances o agarrara quando ele descobrira que não havia sido o único homem para sua primeira esposa. Não amara ainda, mas compreendera que exercia alguma atração sobre as mulheres, e o fato de que uma o achasse interessante e quisesse viver com ele não era nenhum milagre. Isso o modificou a tal ponto, que sua companhia tornou-se importuna. E também, jogando partidas de *bridge* em paradas mais altas do que podia, com seus conhecidos de Nova York, tivera sorte e ganhara várias centenas de dólares. Envaideceu-se com sua habilidade no jogo, e mais de

uma vez o vi repetindo que um homem poderia muito bem viver do *bridge*, se não tivesse outro recurso.

Havia ainda outra coisa: Cohn andara lendo W. H. Hudson. Parece não haver nisso nenhum mal, porém ele lera e relera *The Purple Land*, livro sinistro, quando lido demasiado tarde na vida. O livro narra de maneira esplêndida as imaginárias aventuras amorosas de um perfeito cavalheiro inglês, num país intensamente romântico, e o cenário é muito bem-descrito.

Tratando-se de um homem de trinta e quatro anos, tomá-lo como um guia para o que a vida pode lhe reservar é tão perigoso como seria, para um homem da mesma idade, saindo de um convento francês, entrar diretamente em Wall Street, munido de uma coleção completa dos livros mais práticos de Alger.\* Creio que Cohn tomava cada palavra de *The Purple Land* em sentido tão literal como se fosse um relatório comercial da R. G. Dun. É certo que fazia algumas reservas, mas de um modo geral julgava-o um livro sério. E não era preciso mais para o entusiasmar. Só compreendi a que ponto isso o alterou no dia em que ele me irrompeu escritório adentro.

— Olá, Robert — cumprimentei. — Veio me fazer uma visita?

— Gostaria de ir à América do Sul, Jake? — perguntou.

— Não.

— Por quê?

— Não sei. Nunca desejei viajar para lá. Muito caro. Você pode ver quantos sul-americanos quiser, aqui mesmo em Paris.

— Não são sul-americanos de verdade.

— Para mim parecem um bocado reais.

Eu tinha uma batelada de correspondências a enviar pelo correio e escrevera apenas a metade dela.

— Sabe de algum escândalo? — perguntei.

— Não.

— Nenhum de seus amigos vai se divorciar?

— Não. Escute, Jake, se eu pagasse as despesas, você iria comigo à América do Sul?

— Mas, por que me escolheu?

— Você fala espanhol. E seria mais divertido irmos os dois.

— Não. Eu gosto daqui e no verão vou à Espanha.

— Sempre desejei fazer uma viagem dessas — disse Cohn, sentando-se. — Quando puder fazê-la, já estarei velho demais.

— Que bobagem! Você pode ir para onde quiser. Tem muito dinheiro.

— Sei disso. Mas não consigo decidir-me.

— Anime-se — disse eu. — Todos os países se parecem com o que vemos nos filmes.

Mas tive pena dele. Levava aquilo a sério.

— Não me conformo, quando penso que minha vida vai passando tão depressa e não a vivo realmente.

— Ninguém vive com a intensidade que deseja, exceto os toureiros.

— Os toureiros não me interessam. Levam uma vida anormal. Quero mesmo é dar umas voltas pela América do Sul. Seria uma grande viagem!

— Já pensou em ir caçar na África Oriental Inglesa?

— Não, isso não me agradaria.

— Para lá eu iria com você.

— Não estou interessado.

— Isso é porque você nunca leu nada sobre o assunto. Procure ler um livro recheado de casos amorosos com belas princesas negras e lustrosas.

— Quero ir à América do Sul.

Era mesmo uma obstinação judaica.

— Vamos lá embaixo beber alguma coisa?

— Você não está trabalhando?

— Não — respondi. Descemos a escada até o Café, no andar térreo. Eu descobrira que é esse o melhor meio de a gente livrar-se de amigos. Bebe-se um pouco e depois é só dizer: “Bem, preciso voltar para enviar alguns telegramas”, e pronto. É importantíssimo, no jornalismo, descobrir saídas jeitosas como essa. Faz parte da ética profissional dar sempre a impressão de não estar trabalhando. Bem,

mas descemos e tomamos uísque com soda. Cohn olhava para as garrafas nas caixas, em volta da parede.

— Bom lugar, este — declarou.

— Há muita bebida aqui — concordei.

— Escute, Jake — e curvou-se sobre o balcão. — Nunca tem a impressão de que sua vida vai passando sem você aproveitá-la? Não percebe que já viveu a metade do tempo que tem para viver?

— Sim, isso me acontece de vez em quando.

— Sabe que dentro de trinta e cinco anos já estará morto?

— Que diabo! Francamente, Robert!

— Estou falando sério.

— Isso é coisa que não me preocupa.

— Devia preocupar-se.

— Tenho tido sempre preocupações. Já estou farto delas — respondi.

— Bem, eu queria ir à América do Sul.

— Escute, Robert, tanto faz um país como outro. Tenho experiência disso. Não podemos sair de dentro de nós mesmos. Não adianta.

— Mas você nunca esteve na América do Sul.

— Para o inferno a América do Sul! Se você fosse lá do jeito como está, iria continuar na mesma. Paris é uma boa cidade. Por que não começa a viver aqui mesmo?

— Estou saturado de Paris, farto do Quartier.

— Então se afaste do Quartier. Ande por aí sozinho e veja o que acontece.

— Não me acontece nada. Já andei sozinho durante toda uma noite e nada sucedeu. Apenas um guarda, de bicicleta, pediu para examinar meus documentos.

— Não achou a cidade bonita à noite?

— Paris não me interessa.

E dali não saíamos. Eu tinha pena dele, mas nada podia fazer porque esbarrava em duas obstinações: a América do Sul resolveria o problema e Paris não lhe agradava. A primeira ideia tirara de um livro, e julgo que a segunda saíra também de um livro.

— Bem, preciso subir para enviar uns telegramas.

— Precisa mesmo?

— Sim, tenho de despachá-los.

— Você não se incomoda se eu subir e ficar um pouco no escritório?

— Não. Suba.

Sentou-se na sala de espera e ficou lendo os jornais e o *Editor and Publisher*, e eu trabalhei, com afinco, durante duas horas. Depois pus em ordem os carbonos, assinei a correspondência, coloquei-a em dois envelopes-sacos e chamei um *boy* para levá-los à Gare Saint Lazare. Entrei na sala de espera e encontrei Robert dormindo na poltrona. Dormia com a cabeça apoiada nos braços. Eu não queria acordá-lo, mas tinha de fechar o escritório e sair. Pousei a mão em seu ombro, ele sacudiu a cabeça.

— Não posso fazer isso — disse. E afundou mais a cabeça nos braços. — Não posso, nada vai me obrigar a fazer uma coisa dessas.

— Robert — disse eu, sacudindo-lhe o ombro. Ele ergueu os olhos, sorriu e pestanejou.

— Falei alto, agora mesmo?

— Disse qualquer coisa, mas não muito claro.

— Meu Deus! Que sonho terrível!

— O ruído da máquina o fez dormir?

— Acho que sim. Não dormi na noite passada.

— Por quê?

— Estive conversando.

Compreendi. Eu tinha o péssimo hábito de imaginar as cenas de alcova de meus amigos. Saímos, fomos ao Café Napolitain tomar um aperitivo e olhar a multidão que passava no Boulevard.

## **Nota**

\* Horatio Alger, 1834-1899. Escritor norte-americano, autor de obras destinadas especialmente à juventude.  
(N. T.)



Era uma cálida tarde de primavera e, depois que Robert saiu, fiquei sentado no *terrasse* do *Napolitain*, vendo a noite cair, acenderem-se os anúncios luminosos e os sinais de trânsito vermelhos e verdes, a multidão de pedestres, os *fiacres* com os cavalos trotando ao lado da fila cerrada de táxis e as *poules* que, sozinhas ou aos pares, vagavam à cata do jantar. Observei uma bonita moça que passava diante da minha mesa. Via-a afastar-se no *Boulevard* e perdia-a de vista. Passei a observar uma outra e vi a primeira voltando. Passou por mim outra vez, e nossos olhares se cruzaram. Então ela se aproximou e sentou-se à minha mesa. Chegou o garçom.

— Que vai tomar? — perguntei.

— Um *pernod*.

— Isso não serve para as mocinhas.

— Mocinha é o senhor. *Dites, garçon, un pernod.*

— Um para mim também.

— Que aconteceu? Vai festejar? — perguntou ela.

— Naturalmente, e você?

— Não sei. Nunca se sabe, nesta cidade.

— Não gosta de Paris?

— Não.

— E por que não vai embora daqui?

— Não tenho para onde ir.

— Então deve estar feliz.

— Feliz? Ora, bolas!

O *pernod* é uma imitação esverdeada do absinto. Quando se lhe acrescenta água, torna-se leitoso. Tem gosto de licor e sobe logo à cabeça, mas a depressão que se segue é ainda maior. Bebemos, e a pequena parecia aborrecida.

— Então vai me pagar o jantar?

Esboçou um sorriso contrafeito e compreendi por que não gostava de rir. Com a boca fechada era mesmo bonita. Paguei os cartões e saímos. Chegando à calçada, fiz sinal a um fiacre e o cocheiro encostou. No fundo do carro, embalados pelo movimento suave e lento, seguimos a Avenue de l'Opéra, passando pelas portas fechadas das lojas e as vitrinas iluminadas. A avenida, ampla e resplandecente, estava quase deserta. O fiacre passou diante dos escritórios do *New York Herald* com a vitrina cheia de relógios.

— Para que servem todos esses relógios? — perguntou ela.

— Indicam a hora nas diversas partes da América.

— Deixe de brincadeira.

Saímos da Avenida para entrar na Rue des Pyramides, atravessamos o congestionamento da Rue de Rivoli e penetramos nas Tuileries por uma arcada sombria. A pequena encostou-se em mim e rodeei-a com o braço. Ergueu o rosto, esperando um beijo. Tocou-me com a mão, mas afastei o seu braço.

— Não. Nada disso.

— Por quê? Está doente?

— Sim.

— Todo mundo está doente. Eu também estou.

Saímos das Tuileries, à luz, atravessamos o Sena e subimos a Rue de Saint-Pères.

— Não devia beber *pernod*, se está doente.

— Você também.

— Ora, para mim não tem importância. Para uma mulher, não faz diferença.

— Como se chama?

— Georgette. E você?

— Jacob.

— É um nome flamengo.

— Americano, também.

— Então você não é flamengo?

— Não. Americano.

— Ótimo! Detesto os flamengos.

Chegamos ao restaurante. Eu disse ao cocheiro que parasse, descemos, e Georgette não gostou do lugar.

— Esse restaurante não parece lá grande coisa.

— Não? Você gostaria talvez de ir ao Foyot? — disse eu. — É só ficar com o fiacre e prosseguir.

Eu a convidara levado pela vaga ideia sentimental de que seria agradável jantar com alguém. Havia muito que não jantava com uma *poule* e esquecera a que ponto isso poderia ser monótono. Entramos no restaurante, passamos por madame Lavigne, na caixa, e nos instalamos numa sala pequena. Quando começamos a comer, Georgette pareceu mais satisfeita.

— Não é mau — disse. — Não é lá muito chique, mas a comida serve.

— Melhor que o que comia em Liège?

— Liège, não. Bruxelas.

Tomamos outra garrafa de vinho, e Georgette disse um gracejo. Sorriu, mostrando os seus maus dentes, e brindamos.

— Você parece um bom sujeito — disse. — É pena que esteja doente. Nós nos entendemos bem. Mas, afinal, que tem você?

— Fui ferido na guerra.

— Oh! Essa maldita guerra!

Provavelmente teríamos continuado, discutindo a guerra e concordando em que era uma verdadeira calamidade para a civilização e que poderia ter sido evitada. Eu já estava bastante aborrecido. Mas justamente nesse momento alguém chamou da sala vizinha.

— Olá, Barnes, Jacob Barnes!

— É um amigo me chamando — expliquei. E saí.

Era Braddocks, a uma grande mesa, com um grupo. Cohn, Frances Clyne, a sra. Braddocks e várias pessoas que eu não conhecia.

— Quer vir dançar? — perguntou Braddocks.

— Dançar?

— Sim. Os *dancings*. Não sabe que os ressuscitamos? — interveio a sra. Braddocks.

— Você precisa vir, Jake. Vamos todos — disse Frances, de uma ponta da mesa.

Era alta, e sorria.

— É claro que ele vai — insistiu Braddocks. — Venha tomar café conosco, Barnes.

— Está bem.

— E traga a sua amiga — disse a sra. Braddocks, sorrindo. Era canadense e possuía o encanto social das mulheres de seu país.

— Obrigado. Viremos — disse eu. Voltei à outra sala.

— Quem são esses seus amigos? — perguntou Georgette.

— Escritores e artistas.

— Há uma porção deles deste lado do rio.

— Sim. Demais.

— Também acho. Mas, apesar de tudo, alguns ganham dinheiro.

— Sim, sem dúvida.

Acabamos de jantar e de beber o vinho.

— Venha — disse eu. — Vamos tomar café com os outros.

Georgette abriu a bolsa, fez alguns retoques no rosto, corrigiu o batom, mirando-se a um pequeno espelho, e ajeitou o chapéu.

— Pronto! — disse ela.

Entramos na sala cheia de gente. Braddocks e os outros homens de sua mesa se levantaram.

— Permitam que lhes apresente minha noiva, mademoiselle Georgette Leblanc — disse eu.

Georgette mostrou o seu extraordinário sorriso e apertamos as mãos em torno.

— É parenta de Georgette Leblanc, a cantora? — perguntou a sra. Braddocks.

— *Connais pas* — respondeu Georgette.

— Mas tem o mesmo nome — insistiu cordialmente a sra. Braddocks.

— Não, absolutamente — disse Georgette. — Meu sobrenome é Hobin.

— Mas Barnes apresentou-a como Georgette Leblanc. Tenho certeza — insistiu a sra. Braddocks, que, entusiasmada por falar francês, podia muito bem não ter ideia do que dizia.

— Ele é um idiota — disse Georgette.

— Ah, compreendo. Era uma brincadeira — concluiu a sra. Braddocks.

— Sim. Queria fazer graça.

— Está ouvindo, Henry? — gritou a sra. Braddocks para seu marido no outro lado extremo da mesa. — Barnes apresentou sua noiva como Georgette Leblanc e, na realidade, ela se chama Hobin.

— Naturalmente, querida. Senhorita Hobin. Há muito tempo que a conheço.

— Oh! Senhorita Hobin — exclamou Frances Clyne, que falava francês muito depressa, sem parecer orgulhosa nem surpreendida, como a sra. Braddocks, em constatar que era francês verdadeiro. — Está há muito tempo em Paris? Adora Paris, não é?

— Quem é ela? — indagou Georgette, voltando-se para mim. — Preciso mesmo conversar com ela?

Então, virou-se para Frances, de novo sorrindo, suas mãos recolhidas, a cabeça apumada no longo pescoço, seus lábios preparados para tornar a falar.

— Não. Não gosto de Paris. É caro e sujo.

— Realmente? Pois eu acho a cidade extraordinariamente limpa. Uma das cidades mais limpas da Europa.

— E eu acho que é suja.

— Curioso! Mas talvez não esteja aqui há muito tempo.

— Sim. Há bastante tempo.

— Contudo, há aqui muitas pessoas amáveis. Isso não pode negar.

Georgette voltou-se para mim.

— São gentis os seus amigos.

Frances estava um pouco embriagada e desejava continuar a conversa, mas veio o café, e Lavigne trouxe os licores. Em seguida, todos nós saímos e nos dirigimos ao *dancing* dos Braddocks.

Era um *bal musette* da Rue de la Montaigne de Sainte Geneviève. Cinco noites por semana, a classe operária do bairro do Panthéon ia dançar ali. Uma noite por semana era um clube dançante. Segunda-feira, o estabelecimento fechava. Quando chegamos, não havia quase ninguém, exceto um policial, sentado perto da porta, a mulher do proprietário atrás do balcão de zinco e o proprietário. A filha do casal descia a escada, quando entramos. Havia longos bancos e mesas, através da sala, e, na extremidade, o tablado de dança.

— As pessoas deviam chegar mais cedo — disse Braddocks.

A filha dos proprietários se aproximou e perguntou o que queríamos beber. O proprietário subiu a um alto banco e pôs-se a tocar acordeão. Tinha uma fleira de guizos em torno de um artelho e, enquanto tocava, marcava o compasso com o pé. Todos dançaram. Fazia calor e terminamos molhados de suor.

— Meu Deus! — exclamou Georgette. — Isto aqui é uma estufa.

— Sim, faz calor.

— Se faz!

— Tire o chapéu.

— É uma boa ideia.

Alguém convidou Georgette para dançar e eu me dirigi ao bar. Fazia calor, realmente, e a música do acordeão era agradável, na noite quente. Tomei uma cerveja de pé, na soleira, à brisa fresca da rua. Dois táxis desciam a rua em declive e pararam em frente ao *Bal*. Dos veículos desceu um grupo de jovens, uns de suéteres e outros em mangas de camisa. À luz da porta, eu podia distinguir as mãos, as cabeleiras onduladas e recentemente lavadas. O policial de pé à porta olhou para mim e sorriu. Entraram. Observei mãos brancas, cabelos ondulados, rostos claros, cheios de expressões afetadas. Eles gesticulavam muito ao falar. Brett estava com eles. Encantadora. Parecia perfeitamente à vontade naquele grupo.

Um deles avistou Georgette.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O Sol Também se Levanta"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).